



ANNO I.
SÃO PAULO, 15 DE JUNHO 1905
NUMERO 1

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA



ASSIGNATURA ANNUAL	RS. 5\$000
„ SEMESTRAL	„ 3\$000
NUMERO AVULSO	„ 300

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA CONCEIÇÃO N. 1



REDACTOR SECRETARIO:

JOÃO AUGUSTO PEREIRA JUNIOR



— SOCIEDADE EDITORA „MINERVA“ —



PEÇO A PALAVRA!

É mais uma tentativa feita em beneficio da educação das creanças a publicação da revista *Nené*.

Como o seu nome indica, o *Nené* só se occupará de assumptos que interessem aos seus pequeninos leitores.

O *Nené* confia por isso o seu futuro á protecção das creanças estudiosas. Poderá ter melhores padrinhos?

Para merecer esse favor promete o *Nené* ser util, cortez, alegre e noticioso.

Será bastante? Offerecerá á apreciação dos leitores narrativas escolhidas, poesias, historietas alegres. Publicará finas gravuras coloridas.

Como *Nené* deseja merecer apoio das familias e dos mestres não deixará de publicar algo de util em todos os numeros.

Além disso os leitores do *Nené* serão os melhores informados de tudo que se refira á infancia não esquecendo as diversões e os jogos.

O *Nené* promoverá festas em beneficio da infancia necessitada e para isso contará com certeza com aplausos dos seus leitores.

Organisará concursos litterarios e publicará retratos dos vencedores e tambem dos triumphadores nos jogos esportivos.

Tal é o modesto programma do *Nené* em suas linhas geraes. Merecerá elle o apoio publico? Acreditamos que sim, por ser esta a primeira publicação para creanças que se faz no Brazil. Nossa terra generosa e progressista certamente applaudirá esta iniciativa.

Ás authoridades civis e religiosas *Nené* sauda affectuosa e respeitosa.

Aos collegas da imprensa *Nené* pede a *bençã*m paternal e promete muita sinceridade e muito affecto a todos.

Nené.



Um Presente excepcional



MUITO pequeno, com o corpinho perdido n'um par de calças muito largas e n'uma imensa blusa de musselina branca, com o rosto pintado e tendo no alto da cabeça um gorro em forma de cone, Tony, caminhava lentamente ao longo da bella avenida contemplando admirado as scintillantes *vitrides* dos negocios.

Eram 7 horas da tarde. O noroeste que soprava gelado, tornava menos movimentado aquelle ponto da cidade no qual em outras circumstancias passava-se a custo. Os carros eram raros e rarissimos os transeuntes.

Tony porém, não ligava importancia a isso porque, tiritando de frio e tendo a barriga ás costas de tanta fome, caminhava como um vagabundo sem direcção, ao acaso.

Desde a manhã que o pobre andava assim... em jejum e atôa. Até aquella hora tinha dormido na barraca d'um saltimbanco e matára a fome comendo os restos deixados por elle. Aproveitando a hospitalidade, o pequeno Tony tingia o rosto, enterrava as mãos nos amplos bolsos das calças, punha o gorro de lado e convidava os curiosos a entrar na barraca.

O saltimbanco a poder de muitos sopapos, ensinara-lhe uma duzia de exercicios gymnasticos que elle executava tres ou quatro horas diante dos expectadores, os quaes não deixavam de dar-lhe alguns vintens, que logo passavam ás mãos do patrão. Este não era mau homem; mas fraco de character, em tudo e por tudo, deixava-se governar pela mulher, uma senhora enorme, grande como uma estatua a cavallo e que não gostava nem um pouco do pobre palhacinho.

De modo que n'aquella manhã, alguns minutos antes de deixar a cidade—pois como sabeis caros leitores, os saltimbancos nunca param mais de uma semana no mesmo lugar—n'aquella manhã, como dizia, o mulherão tinha chamado Tony, e depois de lhe ter posto um pedaço de pão no bolso, mandou-o á cidade a serviço. Na volta, quando o pequeno já déra conta do recado, o carroção do saltimbanco já não estava lá. Aquelles desnaturados tinham partido, abandonando-o á miseria.

Tony não chorou, porque não comprehendia o horror do acto commettido em seu prejuizo. Fez uma careta, applicou os dentes no pão e começou a vagar pela cidade, vendo e admirando tantas coisas que não conhecia.

A' tarde estava cansado, tinha fome e tiritava de frio.

Parára em frente á *vitride* d'uma casa de brinquedos e com o olhar scintillante de prazer e de de-

sejo admirava aquella infinidade de objectos tão custosos que são a felicidade dos meninos ricos.

Pouco a pouco, porém, velou-se o seu olhar; já não distinguia mais os objectos e, de pé, immovel, com o rosto apoiado na *vitride* com a bocca contrahida n'uma careta nervosa, ficou insensivel.

Um carro de luxo, puxado por dois magnificos cavallos, parou de repente diante do negocio de brinquedos. Desceu um elegante cavalheiro acompanhado d'uma bella menina; lançaram, um olhar na *vitride* e entraram. O negociante recebeu-os com signaes de profundo respeito, e a menina rapidamente, com o ar aborrecido d'uma grande senhora, disse:

— Quero uma coisa muito bonita. Papae, o sr. deve fazer-me um presente excepcional.

O cavalheiro que a tinha acompanhado até allí e que era seu pae, sorriu áquellas palavras. O negociante conduziu-a diante da *vitride* do lado de dentro e disse:

— Aqui ha brinquedos para todos os gostos. Quer esta bella boneca vestida como a rainha da Hollanda?

A meninasacudiu a cabeça:

— Não,— respondeu.

— Quer este piano?

— Não.

— Tenho um enxoval de noiva para sua boneca. Quer?

— Não.

O papá interveiu.

Desde algum tempo os olhos de Nené estavam sobre um bello palhaço que se achava no fundo da *vitride*. Achou bonito aquelle *brinquedo*, grande como um menino de seis ou sete annos. Apontando-o ao pae e ao negociante ella respondeu:

— Escolhi, papae. Quero aquelle palhaço.

— O negociante ficou petrificado—na *vitride* não havia nenhum palhaço.

— Que palhaço? perguntou.

— Aquelle, alli.

E Nené, com o dedo apontava o Tony.

— Mas queridinha... aquillo não é um brinquedo.

— Sim, é um brinquedo. Olha como é bonitinho!

Justamente naquelle momento as forças do pobre Tony tinham chegado ao extremo. As perninhas dobraram-se-lhe e o pobre palhacinho cahiu sem dar signal de vida.

O pae de Nené correu para fóra; aproximou-se do pequeno e sacudiu-o. Tony não respondeu.

Se o misero corpinho não fosse agitado por um ligeiro tremor, dir-se-ia que o pobre palhacinho estava morto.

— Este menino está mal, exclamou o pae de Nené—Depressa vamos para casa, disse ao cocheiro.

O carro pôz-se logo em marcha e momentos depois entraram no palacete.

A mãe de Nené correu ao encontro do marido, curiosa para vêr a escolha feita pela caprichosa filha.

INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO
N.º 01193
ARGUVO

— Esta, que chorando, acompanhava o pae, exclamou.

— Oh mãe, o palhacinho está mal!.

— Que palhacinho? interrogou a senhora, que não sabia do que se tratava.

— Está com pae... Veja!

O cavalheiro que tinha recolhido Tony entrou no salão.

Collocou o menino sobre um sofá e mandou chamar um medico.

Nesse intervallo a senhora aproximara-se de Tony e encarava-o com os olhos cheios de lagrimas.

— Pobre menino, disse ella. — Quem será?

— Talvez um menino desamparado— respondeu o marido. — Ficou mal deante de nós e de maneira alguma poderíamos deixal-o assim..... doente.

Vejamos primeiro o que diz o medico; depois levaremos o facto ao conhecimento do delegado para que elle procure os paes deste pobre menino.

Nené interrompeu.

— Não, papae. O palhacinho é meu; o sr. m'õ prometteu.

— Está bom, está bom, veremos.

O medico tranquillizou a senhora. Elle conheceu logo a causa da doença e mandou que lhe dessem um copo de leite.

Tony abriu os olhos.

Admirado por vêr tanta luz e tanta belleza depois de ter olhado para todos os lados, viu que a senhora inclinara-se amorosamente sobre elle, observando todos os seus movimentos. Como se tivesse continuado um bellissimo sonho, o pobre Tony, sorrindo, murmurou:

— O paraizo... Nossa Senhora...

A dona da casa commovida, beijou-o na fronte.

— Pobre menino, disse.

O medico deu a Tony o copo de leite. O semblante do pequeno palhaço animou-se apesar das côres com que o tingira e duas lagrimas muito grandes rolaram sobre sua roupa.

— Mãe, exclamou Nené— como é mau este palhaço. Em lugar de rir está chorando. Não o quero mais.

— Não é só a dôr que faz chorar, respondeu a senhora, a alegria tambem provoca as lagrimas. De resto o palhaço é teu; tu o quizeste e elle não sahirá mais desta casa. Não é verdade meu amigo? disse ella dirigindo-se ao marido.

— E' claro, approvou este.

Tony no emtanto, admirado, continuava a olhar a dona da casa, murmurando:

— Nossa Senhora... Nossa Senhora.



EXPEDIENTE



Collaboração

A Redacção do *Nené* aceita a collaboração dos seus leitores, uma vez que os artigos enviados não excedam o espaço de que podemos dispôr e desde que o assumpto das suas produções se harmonise com a indole da nossa publicação.

Concurso

No intuito de animar a applicação da infancia estudiosa, resolvemos abrir mensalmente um concurso de composição no qual

tomarão parte somente os alumnos do quarto e quinto anno do curso preliminar.

O assumpto sobre que deverá versar o concurso será publicado com antecedência.

Os trabalhos serão julgados por uma commissão de professores e a composição classificada em primeiro lugar será publicada nas columnas do *Nené*, recebendo o vencedor um premio.

Pequeno Correio

As informações que nos forem solicitadas pelos assignantes e leitores do *Nené*, serão dadas na secção denominada „Pequeno Correio“.

BRASIL ILLUSTRADO

Duas datas gloriosas da nossa historia patria foram celebradas no mez passado e devido a esse motivo de regosijo nacional partecipámos a alegria da alma brasileira publicando dois artigos relativos, um ao dia 3 de Maio e outro ao dia 13 do mesmo mez.

Esses artigos, agora que apparece o jornal, perderam aparentemente o seu character de actualidade, mas nem por isso os retiramos porque estamos na convicção de que esses acontecimentos da historia brasileira devem deixar no coração as mais bellas e duradouras reminiscencias em qualquer circumstancia e em qualquer epoca.

3 MAIO

DESCOBERTA DO BRAZIL

QUANDO no anno de 1500 o fidalgo portuguez Pedro Alvares Cabral cumpria as determinações de D. Manoel, dirigindo-se com uma segunda expedição em demanda das Indias, quiz o acaso que afastando-se da róta que devia seguir para evitar as calmarias das costas africanas, avistasse nos lados occidentaes uma montanha á qual deu o nome de *Monte Paschoal*.

A armada portugueza sob o commando de Cabral, depois de ter permanecido oito dias em Porto Seguro, retomou o caminho das Indias, ordenando o navegante portuguez que um navio voltasse á Portugal para annunciar a el-rei D. Manoel a boa nova desse inesperado acontecimento.

Em 1501, D. Manoel ordenou que se organisasse a primeira expedição que partiu com destino ao novo territorio, commandada por Gonçalo Coelho.

A nova terra que teve successivamente os nomes de Vera-Cruz, Santa Cruz e finalmente Brazil, offercia á admiração dos portuguezes os mais bellos contrastes naturaes, uma flora exuberante de belleza e uma vegetação incomparavel.

Novas expedições foram organisadas com o fim de se explorar e colonisar o Brazil e essa esperanza grandiosa que se esboçava á face do mundo civilisado, recebeu sob o dominio portuguez os primeiros impulsos do seu rapido progresso.

A agricultura começou a desenvolver-se apenas introduzida, e os outros ramos da actividade humana caminhavam prosperamente para o mais completo desenvolvimento.

Em 1698 sobreveio a descoberta das minas de ouro e em 1730 a descoberta dos diamantes. Estes acontecimentos successivos despertaram ao governo portuguez um sentimento que mais tarde devia affirmar a primeira manifestação da nossa nacionalidade.

D. João VI, que então reinava, foi obrigado a conceder ao Brazil a Constituição de 1821 e como, apesar disso, obstinava-se em considerar a nossa terra uma colonia, provocou a revolta do principe regente D. Pedro I que reuniu uma assembléa nacional para proclamar a Constituição e a Independencia da nossa cara patria.

Em 1822, nas eminencias do Ypiranga, ao grito de *Independencia ou morte* o Brazil abria de par em par as portas da civilisação e do progresso, entrando destemido na categoria das nações.

Depois que soou a hora da redempção, o nosso estremecido paiz alou-se para as serenas regiões d'uma epoca completamente nova, assegurando na historia paginas de ouro, dando ao mundo homens de feitos illustres que o honraram com a sua intelligencia e com o seu patriotismo.

O Brazil, patria gloriosa que se libertou do regimen colonial, berço dos implicados na Inconfidencia mineira, terra que deu á nossa historia os Bandeirantes, os Barrosos, os Tamandarés, os Deodoros, torrão que ainda hoje conta as suas glorias pelos seus annos, firmou em toda a America do Sul a sua supremacia, e hoje, desvanecidos de amor pela abençoada terra que nos viu nascer, curvamo-nos reverentes diante da data da sua descoberta porque ella representa a primeira pagina da nossa historia patria.

13 MAIO

LEI AUREA

A Historia patria assignala nas suas paginas uma data illustre, a abolição da escravatura. Dizer o que era esse regimen, descrever os horrores da escravidão, trazer á lembrança as torturas e privações porque passava uma grande parte da humanidade, lembrar os factos deploraveis que assolavam os homens de côr, não é por certo tarefa que agrade ao coração humano.

Os infelizes que gemiam sob os grilhões desse estado anti-humano, tinham sido afastados

da communhão dos brancos; condemnados áquella vida triste e cheia de soffrimentos invejavam talvez a vida brutal, é verdade, dos animaes, que ao menos possuíam a liberdade de acção, que vagavam felizes pelas mattas.

Elles, os miseros negros, não tinham para quem implorar; o seu destino estava traçado sob a tyrannica auctoridade dos patrões que não contentes de reduzil-os ao estado de mercadoria, maltratavam-os barbaramente, cortando-lhes as carnes com vigorosas chicotadas.

Submissos e resignados, levavam aquella vida, arrastados por uma fatalidade mysteriosa que lhes punha na alma uma dôr de morte e nos olhos amortecidos pela desventura, uma pungente expressão de piedade.

O Brazil, como quasi todos os povos teve seus momentos de fraqueza, os seus desfallecimentos, porém como todas as nações que encerram o germen das grandes empresas, dos elevados commettimentos, tinha no seu coração a força que havia de reagir contra os males que o affligiam.

O sangue brasileiro, ávido de ideaes nobres, tendo em alto valor o progresso humano, aspirando com a ardencia d'um febrênto em delirio, a perfeição da sua nacionalidade, não podia tolerar que a barbaridade da escravatura continuasse a humilhar-nos por mais tempo.

Os brasileiros não podiam desmentir as tradições gloriosas dos tempos passados, não podiam desdenhar os louros colhidos a custa de mil sacrificios.

Não; a alma nacional vibrava ainda e por isso cedo ou tarde havia de despontar o dia bemdito em que a luz da emancipação desfizesse as sombras que envolviam os miseros escravos.

Foi em 1871.

No ministerio presidido pelo notavel brasileiro que se chamou Visconde do Rio Branco promulgou-se a lei que declarava livres os filhos de mulher escrava.

Esse acontecimento notavel que tinha tido como precusores os patrioticos abolicionistas cujos nomes são lembrados com o mais profundo respeito, poz na alma brasileira um raio de tão viva alegria, que ainda sentimo-nos desvanecidos diante da affirmacão solemne da igualdade que concedia aos escravos os mesmos privilegios dos brancos.

E no mez de maio, ao dospontar d'uma aurora poeticamente bella, annunciava-se á patria brasileira o apparecimento grandioso da abolição.

ÁS BOAS MÃES DE FAMILIA



Ainda que a nossa intenção, publicando este jornal seja a de instruir e deleitar a infancia, julgamos comtudo não ultrapassar os limites do nosso programma, dedicando ás mães de familia uma secção intitulada *Conselhos de Hygiene*, na qual encontrarão o que se pode referir á infancia, objecto unico a que se dedica o nosso modesto trabalho.

Juntaremos tambem a esta secção alguns principios de economia domestica de tanta utilidade para as familias.

A Coqueluche

A Coqueluche é uma doença infectuosa, parasita e algumas vezes epidemica. A sua séde é no larynge.

Symptomas: inflammação do larynge, inflammação dos bronchios, ataques violentos, respiração difficil, vulto injectado, azulado. Quasi sempre é acompanhada de vomito.

Para acalmar a coqueluche é de utilidade a antipyrina na dose de 5 cent. de cada vez em um pouco de agua. Repete-se o mesmo remedio, algumas vezes até administrar ao doente durante todo o dia 15 a 20 cent. São de grande utilidade as inalações de substancias antisepticas como sejam: o acido phenico, a essencia de terebinthina, o iodoformio. As inalações devem ser feitas da maneira seguinte:

Toma-se uma esponja (ou panno) e depois de embebel-a em agua quente, deixa-se-lhe cahir por cima umas vinte gottas de acido phenico puro ou terebinthina e colloca-se debaixo do nariz do doente. Nessas condições o doente deve respirar de cinco a dez minutos consecutivos. Esta operação quando o menino é docil pode repetir-se duas ou tres vezes durante o dia. A alimentação deve ser reduzida a leite. O doente deve repousar n'um quarto mais ou menos quente e, no caso em que se alimente ainda com o leite materno, pode repousar no leite de sua mãe.

E' necessario agasalhar bem os meninos atacados de coqueluche e deve-se tomar a precaução de conserval-os afastados dos que se acham em perfeita saude.

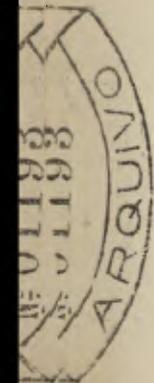
O mesmo meio de cura serve tambem para os adultos; somente para garantir a efficacia da cura, deve-se augmentar a dose dos remedios.



MAXIMAS



- A preguiça é a chave da pobreza.
- A verdade é clara, a mentira é sombra.
- Esquece a. offensa e lembra-te do beneficio.
- O menino obediente e estudioso é o thesouro de seus paes.
- A mentira cedo ou tarde é descoberta.
- O menino educado é a joia de sua mãe.
- A bondade é a maior grandeza dos corações.



Historia de MIMI E DO SEU AMIGO RATINHO

MIMI, um bello gato de manchas brancas e negras, queixava-se continuamente da sorte porque esta, quasi sempre contraria, nunca lhe fazia gozar um momento de felicidade. Imaginai, caros meninos, que na casa onde residia o pobre Mimi, os mais duros tratos lhe eram impostos e alem de soffrer muitas vezes os horrores da fome era ainda por cima maltratado barbaramente. Elle já não ousava na sua linguagem, pedir o necessario para o seu estomago com receio de attrahir sobre si os furores da criada da casa.

Era muito cruel aquella mulher!

Um dia, Mimi, triste e pensativo repousava sobre o peitoril da janella quando de repente viu n'um buraco a luz de dois olhinhos muito espertos. Era um ratinho.

— Que tens? — perguntou timidamente o ratinho ao gato, sem ousar pôr fóra o focinho com receio de que o outro lhe pregasse uma peça de mau gosto.

Mimi não respondeu; pensamentos muito graves lhe passavam pela cabeça para dar ouvidos a um insignificante rato.

— Comtudo, continuou este, conheço perfeitamente a causa da tua tristeza.

— Quem? você?

— Sim, sim; e vim até cá para fazer-te uma proposta.

— Vamos vêr.

— Se queres ensinar-te-ei um logar onde poderemos viver tranquilllos e felizes.

— Bravo!

— Porém imponho uma condição.

— Falla.

— Serás sempre meu amigo?

— Até a morte!

— Não me incomodarás nunca?

— Nunca, palavra de Mimi.

— Promettes?

— Prometto.

— Então segue-me.

Mimi seguiu o companheiro e d'alli a nada, os dois novos amigos hospedavam-se n'uma magnifica casa senhoril.

Mimi nunca fôra tão feliz como com os seus novos donos; todas as vezes que encontrava o amigo rato fazia-lhe uma caricia como prova da sua eterna amizade e fidelidade. Este por sua vez tambem sentia-se á vontade; ia e vinha commoda e tranquillamente sob o olhar de Mimi sem que este, fiel á palavra promettida, pensasse sequer em fazer mal ao amiguinho rato.

A dispensa estava sempre repleta de cousas delicadas e saborosas e o amigo rato banquetear-se lautamente, pelo menos sete vezes por dia, com um appetite invejavel.

— Estás contente Mimi?

— Contentissimo. E você?

— Não te digo nada.

Todos estimavam Mimi, porém quem com mais particularidade demonstrava a sua affeição era Lisinha, a filha da rica senhora com á qual elle residia.

Lisinha cobria-o de affagos, presenteava-o com doces, punha-o a dormir aos pés da cama, cobria-o cuidadosamente até as orelhas para que não sentisse frio, e, nos dias feriados, divertia-se de quando em quando pondo-lhe por cima um chale celeste e a touca vermelha da boneca.

E Mimi vestido daquella maneira, parecendo uma boneca viva, para captivar ainda mais a benevolente sympathia da sua patroasinha, formava graciosos saltos mortaes e pulava alegre em todos os sentidos. Lisinha que achava muito engraçados os exercicios de Mimi, ria até não poder mais.

— Vamos Mimi, direito!

E Mimi, sustendo-se sobre as patas posteriores, ficava attento.

— Mimi, já aqui!

Elle procurava chegar até a menina, porém a cada passo, cahia por terra!

Mimi e o ratinho eram muito felizes e a felicidade, como sabeis, não é de longa duração.

Um bello dia, ou antes um triste dia, acharam roida uma bella torta que a criada depositára cuidadosamente na dispensa.

A dona da casa enfureceu-se sobremaneira porque naquelle domingo tinha convidados em casa.

Na habitação não existiam ratos (o ratinho tivera sempre o cuidado de permanecer occulto): portanto o unico culpado era Mimi. Nada mais claro.

O pobre do Mimi foi condemnado a dois dias de jejum. Imaginai, caros meninos, a careta que fez o gato ao ter conhecimento da triste sentença.

No segundo dia de jejum já não podia suster-se nas pernas e, apesar disso era obrigado a servir de brinquedo á patroasinha.

Lisinha puzera-lhe o chale e a touca da boneca e pretendia que Mimi, morto de fome, a divertisse com os seus saltos mortaes.

— Feio, Feio! — disse emfim, já impaciente — Hoje não prestas para nada. Vae, não quero ver-te mais!

Assim fallando arremessou-o á distancia de quatro passos.

— Amigo ratinho!

— Eis-me, Mimi. Que queres?

— Approxima-te, meu amigo.

— Estás doente?

— Sim, confesso.

— Então, que sentes?

— Já não posso mais de fome!

— Entristece-me muito.

— E tu és a causa disto.

— Eu?

— Sim: tu, sempre guloso, sempre glotão, não contente do que te offerecia a dispensa, te deixaste tentar pela gula, avançaste tambem na torta: e agora eu é que estou pagando... Mas approxima-te... Tens receio?

— Medo?... Sim, confesso-te que estou um pouco receioso... Me encaras com uns olhos!...

— Sabes que estás mais gordo?

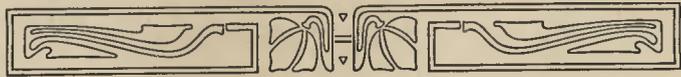
— Assim, assim, amigo.

E o ratinho que não perdia de vista o gato ao notar que elle estendia a pata como quem quer espreguiçar-se, recuou prudentemente.

Mas Mimi que já não podia resistir aos agudos estímulos da fome, reunindo as poucas forças que ainda lhe restavam, deu um salto e cahiu improvisamente sobre o rato. Este conseguiu escapar; Mimi, porém, mais ligeiro, correu-lhe atraz e alcançou-o na sala de jantar.

— Perdão, perdão! — supplicou o desventurado. Tu tinhas promettido que...

Mas não pode acrescentar nada mais porque o gato já o tinha estrangulado.



RESURREIÇÃO

ERAM quatro horas da manhã quando Pedro entrava em casa depois de ter passado uma noite de orgia n'um covil, em companhia de amigos jogadores e bebedores.

Depois de ter exgottado o pouco dinheiro que tinha com tão pessimos camaradas, tomou o caminho de sua casa, enveredando por uma ruasinha escura. Os seus passos eram vacillantes, as idéas confusas e a cabeça andava-lhe á roda d'uma maneira extranha.

Um silencio profundo, apenas interrompido pelos passos incertos do jovem, reinava n'aquelle logar.

Chegou finalmente á sua casinha, humilde e triste como uma noite de inverno, onde o esperava, com cuidados, sua avó, uma velhinha de cabellos muito branquinhos, que morava com elle.

O estouvado jovem atirára-se áquella vida de vicio, arrastado pelos companheiros, uns moços sem educação que viviam no mal e pelo mal. O pobre rapaz sem pensar no desgosto que causaria aos seus paes e sem medir o abysmo que cavava a seus pés deixava-se levar, sem pensar que o pae tinha ido para longes terras á procura de trabalho, para sustental-o, para dar-lhe educação e que sua mãe, uma santa creatura, o olhava do céu para onde tinha ido.

Pedro entrou em casa.

A avósinha, tão bôa, esperava-o sentada junto a uma mesa, com a cabeça apoiada entre as mãos.

Ao rumor da porta que se abriu a velha levantou a cabeça branca, murmurando com um suspiro:

— A estas horas Pedro?... És bem cruel.

O jovem não respondeu e approximou-se silencioso para a mesa sobre a qual ardia tristonha uma lampada cuja luz morticia lançava na humilde salinha sombras phantasticas.

— Pedro, continuou a velha com uma voz tão lenta e fraca que mais parecia um suspiro, tu me estimas? me queres bem?

Cessa, pois, por quem és, essa vida de corrupção e de ociosidade. Trabalha, meu filho, para que a miseria não nos venha bater á porta. Lembra-te de teu pae que em terras distantes lucta pela vida sacrificando-se. Lembra-te de tua bôa e santa mãe que do ceo, te contempla. Afasta-te dos maus companheiros que te arrastam ao vicio e á perdição.

Vamos, Pedro, ouve os conselhos de tua avó...

Pedro com os cotovellos sobre a mesa e com a cabeça fincada entre as mãos ouvia silencioso, com o olhar perdido, como se olhasse para um ponto indefinito.

Uma lucta terrivel se apoderou do animo do jovem, até aquelle momento de corrupção.

Do lado de fóra, entretanto, um pallido raio de luz começava a colorir o céu.

A avósinha depois de se ter calado por alguns momentos, recomeçou:

— Então?... ouviste?... Emenda-te de uma vez para sempre se queres viver uma vida feliz e socegada... Eu estou velha, Pedro. Gasta pelos annos e pelo trabalho, sinto que o fim da minha pobre vida, está bem perto...

O jovem ao ouvir aquellas palavras ficou como que aterrorizado. Levantou-se subitamente e exclamou:

— Oh!.. vovó, vovó... Não digas isso... tenho receio, prorompeu com um soluço.

— Desgostaste-me até hoje, estou cançada, disse a velha, chega de martyrios.

— Pois bem, vovó, juro que nunca mais hei de recomeçar a minha vida de más companhias, disse Pedro, lançando-se com as lagrimas nos olhos, nos braços da pobre velha que o recebeu exultante.

— E's ainda o meu Pedro de outros tempos, disse a pobre velha, chorando e sorrindo ao mesmo tempo? E's ainda o meu bom netinho, affeiçoado e obediente?

— Sim, vovó, sim. Foram os amigos que me reduziram a este estado, os máus companheiros, mas hei de vital-os para sempre e hei de trabalhar.

Fóra, as tintas alaranjadas da aurora tornavam-se cada vez mais vivas.

Era o dia da Paschoa que surgia.

Os primeiros toques festivos dos sinos começavam a espalhar-se pelo ar em vibrações alegres, perdendo-se sob um céu bellissimo, pelos campos e pelos vallados risonhos que pareciam mais alegres com o bafejo tepido da primavera.

Na mysteriosa linguagem d'aquelles sons que partiam das torres das igrejas annunciava-se aos homens a Resurreição de Jesus Christo.

Pedro, levantou a cabeça do collo de sua avó e pela janellinha, dirigiu o olhar para o céu.

Oh! como sentia-se feliz n'aquelle instante!...

Olhou o céu illuminado por uma soberba onda de luz e com a voz d'um inspirado disse:

— Christo resuscitou!...

N'aquellas palavras sinceras e expontaneas estava todo o effluvio da sua bella alma resgatada.



ca. São Paulo
J. M. Barbosa
p. D. de Agost. 24

Typ. IDEAL * F^{III}. Canton
Ladeira Santa Ephigenia, 1-A—S. PAULO

INSTITUTO HISTORICO E
GEOGRAFICO DE S. PAULO
Nº 01193
ARQUIVO